

## O ATO COLECIONADOR: PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS

Leonardo Vasconcelos Renault<sup>1</sup>  
Carlos Alberto Ávila Araújo<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo discute a atualidade do conceito de colecionismo, e possui como referências as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Neste sentido, propõe o conceito de ato colecionador como construto social construído e ampliado pelas representações da cultura. Por fim, no intuito de perceber o ato colecionador contemporâneo, propõe-se à análise de três manuais das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia para que se possa encontrar as marcas atuais da expressão colecionadora humana. Os manuais escolhidos tiveram como critério a sua filiação com instituições profissionais de abrangência internacional para cada uma das áreas (ICA, IFLA e ICOM). Neste sentido, o artigo pretende discutir as características do contemporâneo frente à idéia de se formar coleções. Observa-se, dessa forma, as características de produção em massa dos documentos que, somada à ampliação do acesso em escala global, permitida pelo aprimoramento da tecnologia, produz novos desafios e questões para o ato colecionador contemporâneo.

**Palavras-chave:** Biblioteconomia. Arquivologia. Museologia. Colecionismo.

## THE COLLECTOR'S ACT: CONTEMPORARY PERSPECTIVES

**Abstract:** Discusses the relevance of the concept of collectionism taking as reference the areas of Archival Science, Library Science and Museum Studies. Here, we propose the concept of collector's act as a social construct built and expanded by the representations of culture. Finally, in order to realize the contemporary collector's act proposes to the analysis of three manuals in the areas of Archival Science, Library Science and Museum Studies so you can find the current brands collectionism in the human expression. These manuals were chosen having as criterion the affiliation those professional institutions with international scope for each of the areas (ICA, IFLA and ICOM). In this sense, the article aims to discuss the contemporary idea about forming collections. Notes, therefore, the characteristics of production in mass of documents plus the expansion of access on a global scale, allowing the improvement of technology and producing new challenges and issues for the contemporary collector's act.

**Keywords:** Library Science, Archival Science, Museum Studies, Collectionism.

---

<sup>1</sup> Doutorando. Mestre em Ciência da Informação (2007). Graduado em Biblioteconomia (2013). E-mail: [lvrenault@gmail.com](mailto:lvrenault@gmail.com).

<sup>2</sup> Pós-Doutor pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2011). Doutor em Ciência da Informação pela ECI/UFMG (2005). Mestre em Comunicação Social pela Fafich/UFMG (2000). Graduado em Jornalismo pela Fafich/UFMG (1996). Diretor da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [casalavila@yahoo.com.br](mailto:casalavila@yahoo.com.br).

## 1 COLEÇÕES (PRIMEIRO ATO)

Este trabalho tem por objetivo discutir a perspectiva do colecionismo, tendo como terreno para análise as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. A caracterização do ato colecionador proposta neste artigo tem como objetivo desvelar e incitar o questionamento sobre a pertinência e atualidade do conceito frente a uma certa desvalorização da coleção que por vezes ocorre em detrimento do acesso e da virtualidade. Neste sentido, o enfrentamento proposto se desenvolverá tendo como objeto analítico os manuais de trabalho das três áreas citadas acima. Com o objetivo de caracterizar o aspecto contemporâneo do ato colecionador foi escolhido um manual de cada área oriundo (criado) por grandes instituições representativas e de alcance internacional em seu campo de prática (conhecimento). Importante ressaltar que estas práticas representadas nos manuais desvelam grande parte do fazer específico de cada uma das áreas e, portanto, são muito relevantes para se perceber o ato colecionador do ponto de vista da cultura criada, reproduzida e difundida nestes fazeres.

Dissertar sobre coleções no atual contexto da ampla difusão do conteúdo digitalizado e apresentado em formato de hipertexto parece ser um grande paradoxo. Sobretudo se a direção de argumentação estiver alicerçada no terreno da informação onde os conteúdos digitais ganharam um impulso e alcance inquestionável.

Desta forma, quais seriam as características do ato colecionador no contemporâneo, ou seja, o que significa colecionador hoje? Em primeira instância, “a coleção está, portanto, regida por princípios mais espaciais que temporais, podendo se circunscrever à caixa, ao álbum, ao armário e à serialidade das gavetas, num jogo de dentro e fora, exposição e ocultamento” (MACIEL, 2009, p.27).

Este jogo de exposição e ocultamento é extremamente relevante quando pensamos nas três instâncias aqui abordadas (arquivo, biblioteca e museu), pois saímos, em determinados casos, da ampla exposição para o oposto total. Existem casos em que a coleção é intocável, inatingível e outros onde tudo é permitido. Evidentemente que os graus de raridade e temporalidade dos objetos exercem influência, mas em outras circunstâncias são fatores como controle do Estado, violação das individualidades e outros. Enfim, o jogo existe e tem regras.

Tendo o jogo sido evocado, cabe ainda pensar no significado do ato colecionador em termos de sua relação ambígua:

As relíquias fazem pensar numa curiosa dialética do ato de colecionar: tudo que colecionamos, seja o que for, precisamos matar; literalmente, no caso de borboletas e besouros, metaforicamente no caso de outros objetos, que são tirados do seu ambiente, de suas funções e de sua circulação de costume, e, postos num ambiente artificial, despidos de sua antiga utilidade, transformados em objetos de uma ordem diferente, mortos para o mundo (BLOM, 2003, p. 177).

Esta “morte anunciada”, no entanto, permite o renascimento de outras possibilidades, pois, “ao mesmo tempo, esses objetos adquirem uma nova vida, como parte de um organismo, como parte da imagem duplicada do colecionador, entidades que fazem suas próprias regras e transpiram seu próprio poder”. (BLOM, 2003, p. 177).

Importante não ignorar a dimensão da memória enquanto possibilidade de nos salvar do esquecimento, posto que,

Cada coleção é um teatro da memória, uma dramatização e uma *mise-en-scène* de passados pessoais e coletivos, de uma infância lembrada e da lembrança após a morte. Ela garante a presença dessas lembranças por meio dos objetos que as evocam. É mais do que uma presença simbólica: é uma transubstanciação. O mundo além do que podemos focar está dentro de nós e através delas, e por intermédio da comunhão com a coleção é possível comungar com ele e se tornar parte dele (BLOM, 2003, p. 219).

Este jogo da memória que evoca situações de vida e morte é a apaixonante arte de colecionar que nos permite “preencher o vazio” (BLOM, 2003). Com isto talvez possamos ultrapassar a finitude de nossas existências individualizadas através da comunhão com a vida representada através das coleções.

Assim, com base nestas referências, torna-se possível esboçar o entendimento do que seja o ato colecionador para este artigo. Trata-se de um conceito amplo que incorpora as definições de colecionismo nas áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, mas não fica restrita às mesmas. Dessa forma, o ato colecionador se refere à condição humana de retomar a sua história através das representações da cultura e, ao mesmo tempo, como agentes do processo, resignificando-as através de suas práticas, do seu estar no mundo, tornando-se, portanto, o ato.

## 2 REPRESENTAR (SEGUNDO ATO)

Na perspectiva da possibilidade do conhecimento é preciso então que o homem crie representações para então conhecê-las. De outra forma, somente naquilo que o homem cria diretamente seria possível o conhecimento. No entanto, a representação, ao mesmo tempo que permite conhecer, também cria outra possibilidade de conhecimento. Em suma, a questão fundamental nesta acepção da representação é, a exemplo do argumento do conhecimento do criador, apresentar uma alternativa para superação de um argumento ceticista (onde não é possível conhecer) e a crença na possibilidade do conhecimento isso porque “[...] na modernidade, como vimos, foi possível conciliar o argumento cético do conhecimento do criador com a confiança na linguagem” (EL-JAICK, 2007, p. 18).

O entendimento das representações como forças reguladoras da vida coletiva e exercício do poder permite o diálogo com vários autores – Marx, Durkheim, Mauss, Weber, Elias, Marin, de Certeau, Bourdieu, Chartier – e uma alternativa teórica possível diante do ceticismo instaurado pelo linguistic turn nas ciências sociais (CARVALHO, 2005, p. 152).

Norbert Elias (1990-93, 2005, 2006), sociólogo alemão, fornece elementos balizares para o posicionamento epistemológico deste trabalho. Isto porque sua concepção está direcionada para a superação da dicotomia indivíduo-sociedade e, portanto, sua noção de representação social considera a dimensão do indivíduo em relação ao seu contexto social, o que enriquece a noção de representação como reprodução trivial do objeto em questão.

Um dos conceitos mais importantes formulados por Elias é o de “processo civilizador” para mostrar a relevância das construções sociais como elemento fundamental para compreender o fenômeno cultural humano:

[...] o processo específico de "crescimento" psicológico nas sociedades ocidentais, que com tanta frequência ocupa a mente de psicólogos e pedagogos modernos, nada mais é do que o processo civilizador individual a que todos os jovens, como resultado de um processo civilizador social operante durante muitos séculos, são automaticamente submetidos desde a mais tenra infância, em maior ou menor grau e com maior ou menor sucesso (ELIAS, 1990-93, v.1, p. 15).

Ou seja, considera a dimensão psicológica ou individualista do sujeito no processo de formação cultural, mas submete isto a um contexto mais amplo chamado de processo civilizador, que possui também uma dimensão social e outra individual, mas sempre vistas numa relação de interdependência:

Uma real compreensão, mesmo de mudanças de idéias e formas de cognição, só será possível se levarmos em conta, também, as mudanças da interdependência humana em conjunto com a estrutura da conduta e, na verdade, todo o tecido da personalidade do homem num dado estágio do desenvolvimento social (ELIAS, 1990-93, v.2, p. 236).

Ou seja,

A psicogênese do que constitui o adulto na sociedade civilizada não pode, por isso mesmo, ser compreendida se estudada independentemente da sociogênese de nossa "civilização". Por efeito de uma "lei sociogenética" básica, o indivíduo, em sua curta história, passa mais uma vez através de alguns dos processos que a sociedade experimentou em sua longa história (ELIAS, 1990-93, v. 1, p. 15).

Para Elias, a superação da dicotomia entre uma visão individualista em contraposição ao foco exclusivo na sociedade pode ser construída com o conceito de configuração que “serve portanto de simples instrumento conceptual que tem em vista afrouxar o constrangimento social de falarmos e pensarmos como se o “indivíduo” e a “sociedade” fossem antagônicos e diferentes” (ELIAS, 2005, p. 141).

Neste sentido o que existe de fato é uma interdependência humana que se expressa em todas as relações sociais, ampliando o olhar para a construção de conceitos que considerem as perspectivas do sujeito em sua relação com a sociedade.

Uma das maiores lacunas das teorias mais antigas da sociologia contemporânea é o facto de investigarem essencialmente as perspectivas sociais do “eles”, quase não se servindo de instrumentos conceptuais rigorosos para investigar a perspectiva de “eu e nós” (ELIAS, 2005, p. 151).

“Socialização e individualização de um ser humano são, portanto, nomes diferentes para o mesmo processo”. (ELIAS, 2006, p. 26). Com isto, o que está em jogo é a própria relação entre sujeito e objeto, ou seja, nesta perspectiva, o resultado da representação (configuração) de determinado contexto, período ou situação será sempre passível de uma análise mais abrangente, sem com isso desconsiderar as relações difusas, isoladas ou individuais, posto que,

Uma análise configuracional mostra-nos muitas vezes porque é que isto tem que ser assim. Embora tais tendências não sejam independentes das intenções e ações dos indivíduos que constituem as configurações, a forma que a configuração toma não será determinada por planos deliberados ou pelas intenções dos seus membros, nem por grupo deles, nem mesmo por todos eles em conjunto (ELIAS, 2005, p. 180).

A noção, portanto de representação social, dos manuais estudados neste artigo seria vista como um processo e nunca como um fim em si mesmo. Para tanto, o que se quer pontuar é que outras singularidades poderiam ser percebidas tanto na escolha quanto na análise do objeto deste trabalho. Sobretudo, porque a dinâmica do processo civilizador está sempre em constante mutação quer seja pela temporalidade, espaço geográfico ou dentro da dinâmica do sujeito.

Para os interesses desta discussão, parte-se da hipótese de que o aporte teórico eliasiano é um grande auxiliar para se compreender, identificar e analisar os processos socializadores, que nada mais são do que as relações entre singularidades individuais com o entorno e/ou a ambiência objetiva e subjetiva que as envolvem. Nada mais são do que as conexões de sentido de indivíduos entre si, num enredo contínuo, intenso e tenso de uma multiplicidade de dimensões e diferenças sociais (SETTON, 2013, p. 204).

Conclusivamente, o que temos, de fato, é uma possibilidade de compreender o fenômeno social em termos de sua representatividade em uma perspectiva que considera a dimensão coletiva, mas entendida na relação com os seus sujeitos edificadores da cultura (conhecimento):

As configurações, segundo Elias, têm de ser interpretadas como representações de seres humanos ligados uns aos outros no tempo e no espaço. A sequência de movimentos entre os seres só pode ser compreendida e explicada em termos da dinâmica imanente de sua interdependência simbólica (SETTON, 2013, p. 204).

Roger Chartier, historiador francês, com grande inserção nos estudos sobre história da leitura no Brasil, desenvolve o conceito de representação social tendo, entre outros autores, a influência marcante de Elias em seu trabalho.

Para o escopo deste artigo, optou-se por recuperar a linha de raciocínio de Elias em direção a Chartier, ou seja, primando pelo aporte teórico de Elias e utilizando da abordagem de Chartier para contribuir com a demonstração do conceito de representação social:

Então, tal como a entendo, a noção de representação não está longe do real nem do social. Ela ajuda os historiadores a desfazerem-se de sua “muito pobre ideia do real”, como escreveu Foucault, colocando o centro na força das representações, sejam interiorizadas ou objetivadas (CHARTIER, 2011, p. 22).

Dessa forma, a formulação de Chartier se aproxima muito de Elias, pois considera a superação da dualidade real/ideal e coloca a categoria da representação na mesma instância da configuração de Elias, com a mesma proposta do argumento do conhecimento do criador, ou seja, o real não é oposto à representação, posto que a última é também efetiva, ou seja, criada pelo homem e portanto, passível de ser conhecida. “O conceito de representações coletivas proposto por Chartier contribui para a formulação renovada do estatuto do real, não mais entendido como oposto às representações” (CARVALHO, 2005, p. 152).

Estes conceitos trazem o fundamento necessário para pensar os manuais vistos sob a ótica das representações sociais, desvelando todo um conjunto de práticas que captam a essência do fazer científico e técnico em relação à concepção de suas coleções. Dessa forma, em cada uma das áreas observadas podemos extrair uma “configuração” específica do ato colecionador representada em diferentes épocas e contextos.

### **3 OS MANUAIS COMO REPRESENTAÇÃO DO ATO COLECIONADOR: UMA VISÃO EM TRÊS TEMPOS (TERCEIRO ATO)**

Antes de adentrar nos parâmetros de observação dos manuais cabe aprofundar nas categorias do ato colecionador que serão verificadas no trabalho. O Colecionismo pode ser estudado sob diferentes perspectivas e abordagens, conduzindo a diversos campos do conhecimento. Sem se prender a nenhuma disciplina em específico, o conceito utilizado procura estar coerente com o de representação social. Ou seja, interessa perceber nos manuais a consolidação de práticas e fazeres de determinada época através da representatividade dos manuais nas suas respectivas áreas de inserção. Dessa forma, a abordagem escolhida é histórica, uma vez que tenta captar a essência do ato colecionador em tempos distintos:

Sabe-se que a história do ato de colecionar é a narrativa de como os seres humanos se apropriam, na esfera particular, dos sistemas de classificação que herdaram. Podendo tomar distintas funções, desde o acúmulo até a ordenação simétrica, de feição estética, o colecionismo é amplo e complexo (MACIEL, 2009, p. 27).

Dessa forma, do ponto de vista do método, torna-se necessário categorizar o ato colecionador historicamente buscando trazer à tona o “espírito” da época em que cada um dos manuais foi escrito. Por questões de adequabilidade o colecionismo da idade “antiga”, sobretudo nas civilizações gregas e

romanas, não será objeto do trabalho. Dessa forma, parte-se do Renascimento, pois é nesta época que surgem os primeiros grandes manuais das áreas de Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia.

O espírito colecionista da Renascença pode ser caracterizado como um período de grande curiosidade pelo desconhecido. Esta obsessão com o desconhecido, sobretudo biológico, levou à formação de coleções nas quais se liam verdadeiras monstruosidades. Tal como Aldrovandi<sup>3</sup> e o seu dragão em 1572. Tratava-se de um espírito renascentista, onde o empírico era muito importante para confrontar as “teorias”. Assim sendo, as coleções tinha um carácter científico. Este novo espírito, que pode ser chamado de renascentista, não mais se prende à visão de mundo da igreja e muda, portanto, sua concepção de vida e morte. “A nova estirpe de colecionadores deixara de apelar para a autoridade da igreja. Enquanto corriam para ver o dragão de Aldrovandi, e outras maravilhas que ela juntara em casa [...]” (BLOM, 2003, p. 38-39).

No entanto, essa superação do dogmatismo imposto pela igreja criou um dualismo em relação ao ato colecionador: de um lado uma busca pela mística do mundo, e de outro, de explicações e arranjos racionais do conhecimento. Com o passar dos anos, o segundo modelo triunfa sobre o primeiro e acaba por se consolidar com a chegada do Iluminismo.

Outro aspecto importante que caracteriza o ato colecionador renascentista é a valorização do indivíduo frente ao cosmos, possibilitada, diz Janeira (2005) pelo novo espírito investigativo que desmistificava os dogmas da igreja e criava, portanto, as condições para o surgimento de novos atores sociais:

Assim sendo, é no quadro da trajectória do individualismo moderno nascente que os dois rostos começaram a adquirir contornos tendendo a uma concretização social: no conjunto da comunidade produtiva, passou a haver lugar para actividades individualizadas, como a do cientista e a do pintor, frequentemente aproximados do colecionador (JANEIRA, 2005, p. 27).

Em síntese, o espírito renascentista do ato colecionador se caracterizava por uma valorização do indivíduo, que movido pela curiosidade, colecionava o máximo de itens possíveis pois, segundo Pearce (1995), a tentativa era de criar um microcosmo. Contudo é importante lembrar que começa aqui uma tentativa de sistematização mais racional, pois a visão racionalista (ainda que pré-científica e essencialmente empirista) superou uma visão mais mística ou intuitiva do ato colecionador.

A chegada do Iluminismo trouxe para o ato colecionador uma visão mais sistematizada das coleções:

Já na época em que Sloane viveu, o ato de colecionar sofrera uma brusca mudança de natureza. O Iluminismo e o surgimento das academias, onde estudiosos se reuniam para discutir e compartilhar suas pesquisas, conduziram a formas mais metódicas de abordar o mundo material e a formas mais especializadas de colecionar. A ambição de colecionar tudo que fosse digno de nota, natural em Aldrovandi e Tradescant, ceder a vez a uma divisão de disciplinas, e dentro delas um novo projeto surgiu: a classificação racional e a descrição completa da natureza e, finalmente, da arte (BLOM, 2003, p. 145).

Este novo empreendimento humano denotava novas formas de pensar e conceber o ato colecionador, agora acrescido de um novo espírito científico onde a curiosidade por si só não bastava para motivar a concepção de coleções:

---

<sup>3</sup> O naturalista italiano Ulisse Aldrovandi começou uma coleção de curiosos objetos da natureza, que viajantes traziam a sua terra natal, a Bolonha: ovos de pássaros bizarros, minerais, estranhos chifres, amostras de plantas e até mesmo o cadáver de um filhote de dragão. O fato de supostamente ter um dragão em sua coleção levou Aldrovandi a escrever a “Dracologia” que chegou a impressionantes 7 volumes escritos em latim.

O espírito colecionador tinha percorrido uma grande distância dos armários de curiosidades de duzentos anos antes, que tentara ampliar as fronteiras, descobrir e documentar o raro e o monstruoso. Agora era a vez do comum, não do que estava fora do alcance da compreensão humana, mas do que já fora submetido a ela (BLOM, 2003, p. 145).

Neste segundo momento, esta observação necessitava ser mais sistemática e específica e tendia para um deslocamento que vai colocar os “objetos” numa vitrine acessível, numa mesa de trabalho ou sobre uma bancada (JANEIRA, 2005). Essa nova necessidade de observação levou a um novo projeto epistemológico para o ato colecionador:

Como este deslocamento espacial correspondia a um deslocamento epistemológico, porque a configuração epistemológica apresentava mudanças, estavam ali reunidas as condições para que surgissem os Gabinetes de História Natural, mais adequados para as actividades em prol da observação-comparação entre os seres e mais operativos em termos das exigências taxionômicas (JANEIRA, 2005, p. 31).

Sob este mesmo “espírito” surgiram também os *ateliers* de arte e mais tarde os museus, tanto de história natural quanto museus de arte. Apesar das controvérsias sobre a relação causal entre os Gabinetes de Curiosidades e os Museus, não há dúvida de que existe aí uma relação de proximidade tendo como elo o ato colecionador, mas que também é extensiva às Bibliotecas e Arquivos como instituições que vão se ocupar de sistematizar estas coleções guardadas as suas devidas especificidades e contextos de institucionalização.

Por fim, temos a idade contemporânea ou moderna como caracterização do ato colecionador, onde:

Objetos produzidos em massa são a face mais comum do ato de colecionar nos dias de hoje, apesar de dificilmente ser a mais espetacular: a prateleira povoada de porcos de cerâmica, o armário com prato Sheffield, o álbum com velhas cenas urbanas, a estante com taças de vinho ou alfinetes de chapéu ou animais fofos, a caixa com velhos canhotos de ingressos de futebol, programas de teatro ou passagens de trem de vários lugares do mundo; todos pequenos santuários de diferentes passados, fugas do presente, afirmações de individualidade, de saudade e esperança (BLOM, 2003, p. 188).

Essa característica do ato colecionador contemporâneo leva a afirmação do consumo como elemento central da prática colecionista. Este esquema de repetição e diluição de fronteiras conduz a perspectivas de dissolução de certos conceitos relativizando inclusive a importância cultural de determinados objetos. Desta maneira Baudrillard fala do conceito de serialidade, onde a motivação serial é visível em toda parte e, muitas vezes, o colecionador se motiva mais pela completude da série do que pelo conteúdo do objeto em si. “Todo objeto tem desta forma duas funções: uma que é a de ser utilizado, a outra a de ser possuído” (BAUDRILLARD, 2009, p. 94).

A reprodução em massa de objetos designa todo uma nova forma do ato colecionador marcada pela serialidade e pela redefinição de valor de certos objetos, contudo,

Primeiro é preciso constatar que o conceito de coleção (*colligere*: escolher e reunir) distingue-se do de acumulação. O estado inferior é de acumulação de materiais: amontoamento de velhos papéis, armazenamento de alimento – a meio caminho entre a introjeção oral e a retenção anal – depois a acumulação serial de objetos idênticos (BAUDRILLARD, 2009, p. 111).

Os argumentos para uma mudança conceitual da perspectiva colecionista são inúmeros, levando inclusive ao argumento do fim das coleções e da emergência do acesso imediato. Evidentemente a crítica

de Baudrillard não é neste sentido, pois percebe que, “a coleção emerge para a cultura: visa objetos diferenciados que têm frequentemente valor de troca, que são também “objetos” de conservação, de comércio, de ritual social, de exibição, – talvez mesmo fonte de benefícios” (BAUDRILLARD, 2009, p. 111).

Justamente neste ponto é que a crítica se dirige, pois os elementos da cultura contemporânea trazem uma forte individualização, a produção em massa e, portanto, serialização dos objetos voltados para um consumo que se estabelece em escala globalizada. Apesar desta relação de forças externas, importante ressaltar a motivação interna das coleções:

Contudo, mesmo quando a motivação externa é forte, a coleção jamais escapa à sistemática interna, constitui da melhor maneira possível um compromisso entre os dois: mesmo se a coleção se faz discurso aos outros é sempre primeiro discurso a si mesma (BAUDRILLARD, 2009, p. 111).

Desse modo o ato colecionador se reafirma ainda que no contexto contemporâneo o caráter personalista de suas coleções. O que fica muito marcado neste caso é a relativização da cultura no sentido estético para a sociedade como um todo. As coleções de raridades, ou de objetos de grande e estimado valor estético ou cultural ficariam circunscritas a determinados espaços e a produção em série como um valor, ampliada para um público muito maior. Dessa forma, resquícios destes traços serialistas poderiam ser vistos em muitas das coleções atuais.

No extremo poderíamos pensar em uma anticoleção, que poderia ser o começo do fim das mesmas?

[...] Uma anticoleção, a primeira do mundo, talvez. Todo copo é igual a todos os outros copos, igualmente útil, igualmente belo. Tudo exatamente igual. Não faz sentido colecionar, nem parar de colecionar. Pode-se comprá-los barato, a qualquer momento, um suprimento ilimitado. Deliciosos pela pura perversidade da coisa. Posso encher todas as minhas estantes de copos de plástico, em filas perfeitas de idêntica chatice [...] (BLOM, 2003, p. 265).

Esta visão aterrorizante estaria sendo “praticada” nos nossos arquivos, bibliotecas e museus? A pergunta retórica neste caso é apenas para chamar a atenção para um dos traços mais marcantes do ato colecionador contemporâneo, mas que desvela uma escolha secular que nos conduziu para este caminho:

Permitam, também, uma chamada de atenção para deixar transparecer uma sensação de perda, ao sugerir como o mundo viu nascer a divisão das maravilhas e das curiosidades, entre as ciências, por um lado, e entre as artes, por outro lado, fez uma escolha de onde saiu empobrecido, em si mesmo e no legado pelo qual transmitiu a sua posteridade cultural (JANEIRA, 2005, p. 33).

Por outro lado, esta tentativa de caracterização do ato colecionador não é estanque em suas temporalidades, pois podemos encontrar traços característicos de determinada época em outras completamente distintas, posto que,

O ato de colecionar, como projeto filosófico, como tentativa de dar sentido à multiplicidade e ao caos do mundo, e talvez até descobrir seu significado oculto, também sobreviveu até nossa época, e encontramos ecos da elaborada alquimia de Rodolfo em todas as tentativas de capturar a maravilha e a magnitude de tudo para incluí-las no reino dos bens pessoais (BLOM, 2003, p. 61).

Pontuada esta ressalva, pode-se, por fim, caracterizar o ato colecionador em três momentos:

1. Renascentista: caracterizado por um espírito pré-científico em torno da empiria e movido por uma curiosidade que levava a colecionar os objetos em exaustividade, porém tendendo à unicidade;

2. Iluminista: tendo como principal característica o acirramento do espírito científico e o aprimoramento dos arranjos das coleções. Foi neste período que surgiram os primeiros grandes sistemas classificatórios orientados por parâmetros científicos;
3. Contemporâneo: marcado pela serialização dos objetos e pelo acirramento do consumo.

Estes momentos, em verdade, não estão estanques em seus períodos históricos de ocorrência. De fato, o que se percebe é que estas caracterizações podem ser vistas ainda hoje em determinadas coleções, como por exemplo, um acervo de obras raras ou a coleção exaustiva e preciosa de um colecionador obstinado. Mas, talvez, o mais relevante a ser dito é que o ato colecionador contemporâneo guarda traços de seus antecessores, e pode ser visto também como a soma ou o resultado destas experiências colecionadas e reproduzidas ao longo dos tempos. Contudo, é importante frisar que assume uma característica distinta das demais, sobretudo marcada pela explosão da sociedade de consumo e pela serialização dos objetos.

#### **4 CARACTERIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA DO ATO COLECIONADOR ATRAVÉS DOS MANUAIS**

Em oposição ao senso comum baseado na fluidez do digital e do virtual, as coleções são ainda objeto de interesse e estudo em diversos campos do conhecimento. Nas áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, historicamente ligadas à formação de acervos, coleções e arquivos parece haver um movimento inverso de desconstrução das coleções em detrimento do acesso amplo à informação. O que se argumenta, no entanto, é que um movimento não precisa (e nem deve) sobrepor ao outro, pois tanto o acesso à informação em rede quanto os contextos que envolvem a seleção destes conteúdos (quer sejam físicos ou digitais) por parte das pessoas (ou instituições) são igualmente relevantes e potencialmente científicos. Assim, a escolha da localização da discussão do ato colecionador nas três áreas propostas neste artigo adquire maior relevância, pois o centro da justificativa da permanência das coleções é atualmente confrontado com a promessa do imediato “midiático”.

Na tentativa de capturar o contemporâneo, onde essa “disputa” acontece, iremos tratar sucintamente neste artigo de três manuais representativos das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia:

##### Arquivologia

- Manual of International Council on Archives (ICA) - International Council on Archives - Committee on Appraisal - Guidelines on Appraisal (2003-2005): busca capturar a visão atual da área de Arquivologia naquilo que tem de central para a formação das “coleções” arquivísticas, que é a seleção e avaliação dos documentos.

O passo contemporâneo do ato colecionador parece mesmo ser o caminho da internacionalização. A partir do século XX, as disciplinas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia se articularam no sentido de criar os seus organismos internacionais. No caso dos arquivos, foi em 1948 que Charles Samaran, Diretor-Geral de Arquivos da França assumiu como seu primeiro presidente. A partir daí o ICA (International Council on Archives) começou a sua longa jornada de parceria com as co-irmãs International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA), International Council of Museum (ICOM), e International Council on Monuments and Sites (ICOMOS). (ICA, 2013).

As características que identificam esta nova abordagem devem em muito ao Manual dos Arquivistas Holandeses e, na sequência, ao Manual de Jenkinson e pouco depois de Schellenberg. Para o caso deste trabalho optou-se pela utilização do manual do ICA, que é produzido pela ICA dentro do seu

comitê de avaliação, e o foco da análise é a parte um que versa sobre os princípios gerais, pois é nesta parte que ficam mais evidentes os conceitos que subjazem o tema em seu aspecto contemporâneo. Trata-se da parte II que é assim dividida:

- II.1 Strategic Approaches to Appraisal por Tom Mills;
- II.2 Selection Criteria por Vincent Doom;
- II.3 Sampling of records por Markku Leppananen;
- II.4 The Process of Appraisal por Cassandra Findlay;
- II.5 The Appraisal of Electronic records por Stephen Twigge.

Importante ressaltar que todos os autores escolhidos pelo ICA para escrever os artigos constantes dessa parte do manual são importantes expoentes na área da Arquivologia quer seja por sua produção teórica ou por conta de sua atuação profissional.

Na primeira parte escrita por Tom Mills temos a apresentação de abordagens de appraisal (avaliação) em cinco variações de modelos para avaliação macro de documentos de arquivo: *inventory and scheduling records; functional appraisal; documentation strategy; Risk assessment e design or re-design of business systems*. Em suma, o que é interessante pontuar é que, para o autor, não existe uma estratégia certa ou errada, pois a escolha depende sempre do contexto de cada organização e do ambiente em que está inserida. O ato colecionador contemporâneo arquivista se mostra aqui em sua complexidade, o que evoca a subjetividade e singularidade dos indivíduos em definir o que colecionar (guardar) e em que circunstâncias.

Adiante, na abordagem de Vincent Doom, a problematização é sobre os critérios de seleção em específico e a sua discussão parte dos modelos teóricos vigentes: Modelo do Uso e Teoria Social. O primeiro modelo, atribuído a Schellenberg, nos parece ser o mais adotado e difundido na prática arquivista, contudo, o modelo de Teoria Social (ou da sociedade) evoca uma dimensão muito importante para a caracterização do ato colecionador, pois problematiza o papel social do arquivista e ainda desveste o arquivo de uma suposta neutralidade axiológica quando diz que é o reflexo dos valores da sociedade. Assim sendo, Vincent Doom pontua o pensamento de Carol Couture com um dos expoentes desta perspectiva dentro da Arquivologia.

Outra possibilidade de análise da avaliação dos documentos de arquivo é descrita por Markku Leppananen, na qual a amostragem pode ser uma possibilidade de método para avaliar os documentos de arquivo quanto ao seu arranjo e destinação.

Cassandra Findlay aborda, na sequência do manual, os processos de avaliação que, segundo esta autora, desenvolvem-se em três etapas, indo desde a obtenção de toda a informação disponível sobre o documento até a decisão final sobre a destinação do documento e a posterior implementação dos procedimentos cabíveis.

Por fim, a quinta abordagem do manual em seu capítulo de princípios gerais é de Stephen Twigge e enfatiza a questão dos registros eletrônicos. Esta abordagem é muito interessante e tem sido objeto de preocupação de muitos pesquisadores na área de Arquivologia, pois os arquivos eletrônicos possuem uma série de características que corroboram a visão de que é necessário se pensar em políticas específicas para os mesmos. Existe, inclusive, a dificuldade de mapear os contextos originais de produção de determinados arquivos, o que pode inviabilizar uma avaliação consistente.

Apresentados os cinco temas abordados no capítulo de princípios gerais do manual do ICA, o que se pode perceber é uma complexidade do universo arquivista contemporâneo, que torne emergente a figura do sujeito como balizador destas demandas. O ato colecionador contemporâneo arquivista não foge também da característica da serialidade da produção que leva ao refinamento dos processos de avaliação, seleção e eliminação de documentos. No contexto digital essa “explosão” parece ser ainda mais intensa, e

apesar da capacidade de armazenamento digital crescer (gradativamente) corre-se o risco de perder o significado, o específico em meio à uma multiplicidade de informações que a sociedade atual (como colecionadora) “propicia” a cada um de nós (indivíduos e instituições) acumular em torno de nossas existências.

## Biblioteconomia

- Manuais IFLA (2001; 2008) - Guidelines for a collection development policy e using the conspectus model (2001) e Gifts for the Collections: Guidelines for Libraries (2008): o objetivo é captar o espírito contemporâneo do ato colecionador na Biblioteconomia através de manuais contemporâneos, a exemplo do que ocorre com a Arquivologia e Museologia neste trabalho.

Com o intuito de captar a essência do ato colecionador contemporâneo, optou-se por utilizar uma relevante instituição internacional que, no campo da Biblioteconomia, representa, muitas vezes além do papel profissional reconhecidamente comprovado, uma atuação teórica também influente. Trata-se da IFLA (International Federation of Library Associations and Institutions), instituição criada em 1927, mas concebida em 1926 no Congresso Internacional de Bibliotecários realizado em Praga.

Importante ressaltar que, em 1976 a IFLA passou a aceitar outras instituições como filiadas passando a incorporar a palavra “*institutions*”. Enfim, o escopo de atuações da IFLA é amplo e suas causas também, possuindo seções específicas para tratar de assuntos diversos no universo da informação e, sobretudo das bibliotecas. Exemplos disso temos em Kagan (2005), que aborda o papel social da IFLA e, por extensão, a classe bibliotecária frente às desigualdades enfrentadas em todo o mundo. Além, é claro, das seções da IFLA que possuem papel extremamente relevante em suas respectivas áreas de enfoque e atuação.

Após esta breve apresentação, vamos aos manuais da IFLA escolhidos para representar o ato colecionador contemporâneo na área da Biblioteconomia. Primeiramente, cabe apontar qual foi a seção de onde foram extraídos os manuais, que é a “Seção de Aquisição e Desenvolvimento de Coleções”. Os manuais escolhidos foram: **Guidelines for a collection development policy using the conspectus model (2001)** e **Gifts for the Collections: Guidelines for Libraries (2008)**.

A inclusão do segundo manual se dá por conta da abordagem ser extremamente interessante e relevante no escopo das bibliotecas, pois as doações representam um importante fluxo de itens e que por sua vez influenciam bastante a formulação de políticas de desenvolvimento de coleções nas bibliotecas.

O primeiro manual: **Guidelines for a collection development policy using the conspectus model** consiste em um modelo extremamente elaborado sobre o processo de desenvolvimento de coleções. O método Conspectus foi elaborado tendo como objetivo permitir a definição de política de formação de coleções através da avaliação do acervo. Trata-se de uma ferramenta para analisar a coleção em seus diferentes níveis e arranjos. Este manual de 2001 utilizou a experiência de mais de 30 bibliotecas que utilizam o método Conspectus para chegar a um documento que possa ser utilizado em larga escala.

O manual corrobora uma importante assertiva a respeito do papel fundacional do ato colecionador e ao mesmo tempo define o que se entende por coleção, pois considera como função primordial da biblioteca a seleção, manutenção e acesso aos recursos disponíveis na biblioteca.

A coleção, nesta perspectiva contemporânea, está fundada em sua política de seleção de materiais, lidando agora com uma profusão de itens nunca vista antes na história, acrescida da possibilidade do digital. O ato colecionador nesta (concepção) é fortemente marcado por uma série de procedimentos e técnicas que permitem segmentar a seleção de materiais em critérios mais gerais, contextuais e assunto. Os critérios podem ainda se dividir em aspectos qualitativos (baseados no julgamento de profissionais por exemplo) ou quantitativos (estatísticas de uso, relatórios e outros).

O método “Conspectus” mostra claramente o nível de especialização das coleções e a complexidade que é transitar no contemporâneo, e que lida com a serialidade de que nos fala Baudrillard e Blom, com a profusão de estantes inteiras do mesmo item ou ainda de coisas muito semelhantes. O acesso a uma coleção contemporânea de uma biblioteca torna-se híbrido e a repetição excessiva faz necessário um mediador grandemente preparado, sob pena das coleções sucumbirem ao acesso irrestrito e por vezes irracional.

Um aspecto curioso da produção em massa dos livros é a demanda gerada para o recebimento de doações não solicitadas, na qual os critérios e políticas têm de se tornar gradativamente mais efetivos, detalhados e supostamente “racionais”.

Este é o tema do segundo manual da IFLA de 2008 utilizado neste trabalho: **Gifts for the Collections: Guidelines for Libraries**. O tema em si já é muito interessante, mas o aspecto central do uso deste manual é que complementa a caracterização do ato colecionador contemporâneo em que a ação consiste às vezes em frear o crescimento da coleção. É um paradoxo inaugurado com a industrialização do livro e depois dos mecanismos de sua digitalização, assim como dos periódicos científicos. A passividade, neste caso, representada pela falta de políticas de desenvolvimento do acervo, leva ao absoluto caos e ao esgotamento dos espaços físicos num primeiro momento. Em relação ao contexto digital, apesar das controvérsias sobre os limites de armazenamento seguro (dentro dos conceitos de preservação digital), o risco iminente é o de se perder na imensidão de possibilidades do ciberespaço. Este tema, no entanto, não será aprofundado neste trabalho, mas fica aqui apenas como demonstração da importância da concepção da coleção (quer física ou digital) para o sucesso de todas as outras atividades que decorrem da instauração do ato colecionador.

Para exemplificar esta relação de complexidade diante da repetição e profusão industrial a que estão afeitos os livros, neste caso, o manual da IFLA elabora uma série de itens que se devem considerar ao oferecer uma coleção a uma biblioteca.

Dentre os tópicos, podemos ressaltar uma preocupação com a questão do arranjo e ordenamento das coleções e de suas respectivas representações (base de dados bibliográfica). No entanto, poderíamos perguntar: que biblioteca é esta? Qual é o seu público? Qual a sua relevância no contexto atual? Estas questões ficam como reflexão final da caracterização do ato colecionador contemporâneo para a Biblioteconomia, onde a produção em série do conhecimento potencializado pela possibilidade das tecnologias da informação levaram a uma suposta perda de centro e relevância das coleções, chegando ao ápice da prospecção do fim das mesmas. Neste novo contexto não seria mais uma vez o sujeito construtor do conhecimento, ou melhor, a singularidade do ato colecionador humano a resposta mais uma vez?

## Museologia

- Manual ICOM – Como gerir um museu ICOM (2004): a exemplo dos manuais anteriores, este se encaixa no trabalho como um exemplo do ato colecionador contemporâneo. Importante ressaltar que, para permitir certa coerência entre os manuais contemporâneos utilizados neste trabalho, valemo-nos de instituições congêneres, ou seja, que têm abrangência internacional em suas respectivas áreas.

Antes de adentrarmos na discussão sobre o Manual do ICOM, cabe ressaltar o salto gigantesco entre este e o texto de Jenckel (2012). Esta ressalva é feita no sentido de pontuar a relevância de vários trabalhos e iniciativas que certamente culminaram na complexidade e quantidade de temas abordados neste manual.

Fazendo uma rápida análise, podemos visualizar a inclusão de temas antes pouco abordados no escopo dos museus como a parte de documentação museológica - muito mais desenvolvida -, estudos

detalhados de gestão de pessoas, marketing e ainda uma grande preocupação com o acolhimento dos visitantes.

Estas mudanças caracterizam uma primeira impressão sobre o ato colecionador contemporâneo no escopo dos museus, mostrando a necessidade de uma maior racionalização dos processos para atender à demanda gerada pelo crescimento da produção e serialização dos objetos e fazendo dos museus enormes contingentes de peças, exposições, pessoal e processos. Este “novo” museu passa a incorporar também maiores responsabilidades incluindo a formulação explícita de uma política de aquisição, preservação e utilização de seu acervo.

Essa redefinição e ampliação da atuação dos museus se manifestam no ato colecionador contemporâneo (através da) caracterização de uma coleção, que se define em função de características específicas (acervo tem de ser mais específico), mas orientadas para o acesso.

A questão, no entanto, é complexa se pensarmos na exclusão cultural a que grande parte da população mundial está afeita, mas a concepção invariavelmente mudou em relação aos contextos renascentistas e iluministas. No contexto contemporâneo existe inclusive a necessidade de se justificar a cultura como valor social e, desta forma, a coleção muitas vezes já nasce orientada para seu público. Este movimento é oriundo de uma soma de fatores contemporâneos, entre eles a questão política, vista como necessidade de se promover determinados temas, ou mesmo de promover acesso amplo à cultura como forma de “inclusão social”.

Enfim, o ato colecionador é claramente orientado para um acesso mais amplo (ainda que marcado pelas questões sociais), sobretudo tendo em vista a sua própria afirmação enquanto coleção relevante nos contextos social e cultural vigentes. Estas questões, no entanto, não escapam da caracterização principal do contemporâneo, (que), para as coleções, é a produção em série, a repetição e conseqüente serialidade dos objetos. De tal forma que, atualmente, é fundamental se produzir políticas de cerceamento das repetições - no sentido também de semelhança -, pois, objetos que não estejam contemplados na política definida pelo museu devem ser evitados, quando muito submetidos a especialistas no assunto quanto à pertinência de sua aquisição em relação à coleção pré-definida.

Neste contexto de produção em massa e acesso amplo a informações, os museus emergem a necessidade também de produzir bons instrumentos de categorização dos objetos, vislumbrando inclusive aquilo que já acontece na Biblioteconomia, que é a criação de padrões de interoperabilidade para trocar informações sobre registros semelhantes.

Por fim, chegamos à constatação de que o ato colecionador contemporâneo no contexto dos museus se configura num quadro marcado por uma sociedade ávida pelo consumo, municiada por uma produção em massa, que conduz à maior racionalização dos processos e necessidade de sistematização de suas coleções. No entanto, um ponto importante a ressaltar, é que a solução da Museologia parece ser mais abrangente do que as demais no sentido de propor alternativas de espacialização do acervo, chegando a propor até mesmo a não-coleção enunciada por Bloom (2003).

## 5 EPÍLOGO

Tendo em vista a profusão dos registros do conhecimento, o ato colecionador contemporâneo atua na direção contrária dos movimentos colecionistas anteriores pois, ao invés da busca pela exaustão, a questão hoje é o específico, o raro e o relevante. Dessa forma, o prenúncio da morte da coleção e de seus agentes se inverte, pois a coleção passa ser a única forma de se encontrar relevância e sentido e seus sujeitos, os depositários da utopia de uma mediação sonhada, embora possível e latente.

Neste tipo de abordagem sobre a coleção pode ser considerado uma boa referência para a discussão nas áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, pois amplia o debate sobre o tratamento historicamente relegado às coleções. A discussão deixa de ter um aspecto mais funcional

ligado aos procedimentos de guarda, arranjo e apresentação dos documentos para problematizar aspectos culturais da formação das coleções.

Neste sentido, a discussão sobre os manuais ofereceu bons aportes para estudo e aprofundamento do tema. Consta-se, assim sendo, a característica do ato colecionador arquivístico com a difícil tarefa de avaliar e mesmo de preservar a profusão de documentos que são gerados pela atual sociedade. O ato colecionador biblioteconômico que se vê diante da mesma questão, mas com a tarefa de manter a relevância e o conteúdo da coleção em meio à exaustividade de publicações, por um lado, e a inauguração da indústria das edições por outro, o que acaba por abarrotar as bibliotecas, muitas vezes de mais do mesmo. E por fim, a caracterização museológica do ato colecionador em que surge uma maior preocupação com os processos administrativos do museu que, também invadidos pela emergência do contemporâneo, passaram a incorporar, dentre suas diretrizes, a formulação explícita de uma política de aquisição, preservação e utilização de seu acervo. Em suma, o ato colecionador contemporâneo, tendo por base a análise dos manuais das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, mostram-se extremamente relevantes e com grandes questões para equacionar diante do acirramento do consumo e conseqüente produção em massa de objetos, versões e documentos. Este ateste contrapõe a idéia de uma certa morosidade e anacronismo das coleções que se mostram muito mais acionadas e protagonistas de um mundo que produz intensamente artefatos culturais, informações, conhecimento, documentos e repetições.

A pergunta final para o ato colecionador nas disciplinas abordadas neste artigo passa a ser como foi criada a coleção? Em que contextos de criação? E, por fim, qual(is) sentido(s) ainda produz no contexto contemporâneo de fluidez e volatilidade da informação/documento?

## REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BLOM, Philipp. *Ter e manter*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003.
- CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. *Diálogos*, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.
- CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990-93. v.2.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- ELIAS, Norbert. Conceitos sociológicos fundamentais. In: \_\_\_\_\_ *Escritos e ensaios I*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 21-33.
- EL-JAICK, Ana Paula Grillo. Ceticismo/Linguagem. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 1-21, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/LRBx7O>>. Acesso em: 10 jul. 2012.
- ICA. *Guidelines on Appraisal*. 2003-2005. Disponível em: <<http://goo.gl/ouHNfc>>. Acesso em: 04 dez. 2013.

ICA. *A timeline of the International Council on Archives*. [2013]. Disponível em: <<http://goo.gl/wiaoAI>>. Acesso em: 28 nov. 2013.

ICOM. *Como gerir um museu: manual prático*. Paris: ICOM, 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/W577Ya>>. Acesso em: 23 set. 2013.

IFLA. *Guidelines for a collection development policy using the conspectus model*. 2001. Disponível em: <<http://goo.gl/A4tD7b>>. Acesso em: 04 jul. 2013.

IFLA. **Gifts for the collections: guidelines for libraries**. 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/DZ8AKR>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

JANEIRA, Ana Luísa. A configuração epistemológica do colecionismo moderno (séculos XV –XVIII). *Episteme*, Porto Alegre, n. 20, p. 25-36, jan./jun. 2005.

JENCQUEL, Kaspar Friedrich. *Museographia Oder Anleitung Zum Rechten Begriff Und Nutzlicher Anlegung Der Museorum Oder Raritäten-kammern: Darinnen Gehandelt Wird I. Von Denen ... Grosten Theils Annoch In...* (German Edition). Charleston, South Carolina: Nabu Press, 2012.

MACIEL, Maria Esther. *As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

PEARCE, Susan M. *On collecting: an investigation into collecting in the European tradition*. London; New York: Routledge, 1995. 440 p.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Marcel Mauss e Norbert Elias: notas para uma aproximação epistemológica. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 34, n. 122, p. 195-210, jan./mar. 2013.